ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA ESCRAVIDÃO NO CEARÁ

Guarino Alves

Há 100 anos, na data de 24 de maio de 1883, festejava-se oficialmente a extinção do escravismo em Fortaleza. Neste mesmo mês, porém em 1978, publiquei no jornal **O Povo** uma série de artigos, com transcrições de anúncios de venda e compra de escravos, e de outros referentes a castigos corporais e fugas.(1)

Serviram-me de fonte os periódicos: **Pedro II**, de Miguel Vieira Fernandes, que circulou pela primeira vez no dia 1.º de julho de 1840; **Gazeta Official**, fundado em 16 de julho de 1862, depois **Gazeta Official do Ceará**, de Francisco Luís de Vasconcelos; **O Cearense**, do Pe. Th. Pompeu de Sousa Brasil, inaugurado em 4 de outubro de 1846; o **Constituição**, que circulou em 24 de setembro de 1863; e o **Jornal do Ceará**, publicado diariamente, "à excepção dos dias immediatos aos Domingos e dias Santos de Guarda", com tipografia à rua Formosa n.º 89.

Reproduzo a pesquisa (mas sem os noventa anúncios de negros transfugas) com o mesmo intuito de outrora, isto é, gizando o quadro sociológico de maneira simplesmente literária.

Das notícias insertas n'**O Cearense**, suponho que o comércio de "peças" em Fortaleza, entre 1854 a 1879, por exemplo, esteve entregue a reduzido número de pessoas. Comércio talvez esporádico, para suprir as necessidades de uma minoria opulenta. Não houve vendedores, nem compradores ocupados por inteiro neste setor.

X X X

Cumpre-me de início recordar a "Typographia Brasileira de Paiva C.ª". Esta vendia livros, lã de carneiro... e escravos. Também um João Antônio Capote, que lidava com relógios, trancelins, pulseiras, pérolas e prataria adquiridos na praça do Recife dizia-se comprador de "peças", sendo porém "pretas", de ambos os sexos, de 12 a 20 anos de idade. Capote não se interessava por escravos "pardos", cruzamento de tapúio com europeu. Preços: **de 600$ a 900$ e na mesma conformidade com officios Carpinta Pedreiro, ou ferreiro a conto de réis e mais.**

Houve entusiasmo, e mesmo concorrência nesse ramo "limpo" e necessário à engrenagem social.

Vitorino Augusto Borges, Presidente do **Clube Cearense** nos idos de 1868, Tenente-Coronel, Chefe do Estado Maior da Guarda Nacional e reformado no posto de coronel em 25 de abril de 1886 foi comprador de escravos. Batia as palmas: **paga-se dinheiro a vista!**

Um Manoel Antônio da Rocha Júnior anunciava: **paga-se bem sendo boas figuras e moços.**

Pais Pinto, com loja instalada no térreo de um sobrado entre as atuais ruas S. Paulo e Cel. Guilherme Rocha interessava-se por negros robustos, novos, **apresentando o vendedor os competentes títulos de posse, certidão de matrícula**, etc.

Na mesma rua, Desidério Antônio de Miranda anunciava que podia comprar negro **por mais dinheiro que qualquer comprador.**

Foi um bomba na praça! Imediatamente ripostou um Guilherme Augusto de Miranda, irritado ante a concorrência desleal:

> **O abaixo assignado continua a comprar escravos, e paga 800$000 sendo preto, e de boas figuras, de 12 annos a 25. (*) O mesmo responde ao annuncio publicado no Cearense n.º 858 (visto que o**

(*) É um ideal que ainda não se realizou. Portanto, quem não tiver negros tambem feitos, como o typo, que o comprador tem creado em sua imaginação, não mande para cá, porque em vez de 900$000 offerecem-lhe 400$ ou 500$000 réis.

annunciante lhe toca parte) que não faz estes offerecimetos para ilusão de pessoa alguma, pois essas pessoas bem devem saber que nem todos os escravos têm o mesmo valor, e o annunciante não deve estar obrigado a comprar escravos menores, de 12 annos, cabras, tortos, e alejados, pelo preço dos bons. Apresente o auctor do annuncio, escravos sem defeitos, compreendidos no annuncio, que se lhe dará o prometido.

Ceará 23 de Agosto de 1855

Guilherme Augusto de Miranda

Deste comerciante evadiram-se dois escravos em abril e julho...

Salgado & Irmão compram **escravos d'ambos os séxos sendo novos e de bonitas figuras a 800$000 dinheiro a vista.**

Na rua da Palma, n.º 11, a "Typographia Paiva & Cia." oferece uma negra robusta e de boa aparência, **propria para todo serviço,** de 14 anos de idade, inclusíve um moleque de 9 anos, bôa figura.

A casa **Albano & Irmão,** fundada em 1852, anuncia que deseja obter uma escrava preta que saiba engomar e cozinhar, sendo moça e sadia: **não põe duvida dar 1:000$000.**

Assim, pouco e pouco penetramos no comércio negro de Fortaleza.

Observe-se êste anúncio: **Vende-se um preto de boa figura de 18 a 20 annos, sem achaque fisico: quem pretender, procure no quartel de policia, onde se acha recolhido e entender-se com o Dr. Pompeu.**

O cidadão Antônio Beviláqua, residente à rua Boa Vista (Floriano Peixoto) decerto parente do vigário colado de Viçosa, Pe. José Beviláqua, suplentes de deputado em 1855, oferece um **preto crioulo** de 10 anos, **sem defeito algum,** sadiu e bonita figura por **modico preço a vista ou a prazo com garantia.**

De duas uma: o moleque era "daninho" (endiabrado) ou Beviláqua estava apertado dos "cobres".

Diz Daniel Joaquim da Silva Jorge que deseja comprar uma escravinha de 12 a 15 anos, preta e de bonita figura e bons costumes: **quem tiver dirija-se ao mesmo na rua da Palma n.º 88 ou na rua Formosa n.º 78 que se paga bem para satisfazer um pedido.**

Por outro lado, **Luiz R. da Cunha & Sobrinhos** compram escravos de ambos os séxos e de **todas as cores, de 12 a 24 annos de idade: para aviar uma encommenda; pagão-se por bons preços.**

De modo geral o anunciante não se preocupava com problema de raça ou de **nação.** Baseava-se na cor. Havia escravos "preto", "crioulo" ou nascido no Brasil, "pardo", "branco", isto é, brancoso, "acobreado", "cabra claro", "mulato laranjo", e assim por diante.

Daí porque a firma **M. A. da Rocha Junior & Irmão** salientava: **escravos de todas as qualidades e pagão por bom preço.**

Em certos casos nem todo negro se prestava a determinados serviços. Um senhor F. S. Teixeira, por exemplo, queria comprar tipos próprios para o trabalho de carvão-de-pedra da Companhia Brasileira no Rio de Janeiro e **cuja idade não exceda a 30 annos.**

Na rua Conde d'Eu, n.º 109, vende-se **uma escrava com 4 filhos, sendo 2 libertos;** e na rua da Alfândega, n.º 44, uma **boa engomadora e cozinheira.**

Vicente A. Linhares Filho deseja comprar dez escravos novos de ambos os séxos **para satisfazer uma encomenda.** (Rua Formosa).

Jacob cahan (judeu?) anuncia-se como antigo comprador de negros de ambos os séxos **devendo virem acompanhados de folha corrida, certidão de idade, título de propriedade e certidão de colector.**

Diz êste anúncio: **Vende-se uma escrava criola de 23 annos de idade, boa figura, engomadeira, cozinheira, de bons costumes e não tem filhos.** (Rua Amélia, n.º 111, esquina).

Luís Ribeiro da Cunha **vende trez escravas, bonitas figuras, moças robustas, e habilitadas a desempenharem com**

agrado todo e qualquer serviço domestico. Diz também José Luís de Sousa que **compra e paga** uma escrava **de 14 a 20 annos.** E Jacob Cahan por sua vez continua comprando "peças" de 13 a 30 anos de idade e **também mulatas especiais** de 15 a 18 anos.

Fiquemos por aqui, pois os anúncios são muitos.

• • •

Quando não se podia comprar negro ou era mais cômodo utilizar-se dele apenas por alguns meses alugava-se-o. Por exemplo: "Preciza-se alugar por mez um escravo de 12 a 20 anos de idade ou de uma pessoa forra, prefere-se escravos, para trabalhar com uma carroça de burro; a tratar no sobrado de Manoel José Salgado Couto ou na Lagoa do Garrote com Theodorico Joaquim Cordeiro."

Ou ainda: "Preciza-se alugar uma, **(escrava)** e paga-se bem: em casa do Martiniano Theodorico."

Enfim: "Preciza-se alugar um menino forro ou captivo para andar com um menino: dá-se informação nesta Typographia." **(Pedro II).**

Alguns comerciantes ganharam dinheiro comprando "peças" para libertar. Mas, libertar como? vendendo-as ao governo que, por sua vez as mandava para a linha de frente na Guerra do Paraguai...

Encontrei vários anúncios neste sentido, e aqui dou mostra de dois:

a) **Joaquim da Cunha Freire & Irmão, comprão por bom preço para libertar aqui ou no Rio de Janeiro, escravos aptos para o serviço da guerra.**

b) **Comprão-se escravos, para libertar, de qualquer cor, de 18 a 25 annos, sue sejão sadios, e com todos os dentes; paga-se por melhor preço, no escriptorio de Manoel Antonio da Rocha Junior, na Rua Formoza, nº 7.**

De todo o Nordeste seguiram negros para a guerra, contanto que não tivessem defeito físico de importância grave. Um dos periódicos de Fortaleza na sua edição de 14 março de 1868 deu notícia de embarque de tropa para a Corte no vapor

Paraná, pequeno contingente de que constavam: catorze guardas nacionais designados, cinco voluntários do Exército, um voluntário da Pátria, doze aprendizes-artilheiros, seis recrutas e doze escravos libertos. Estes pretos, provavelmente, depois de terminada a guerra considerar-se-iam **homens livres.**

• • •

Como e por onde entravam negros no Ceará? Donde procediam Diretamente d'Africa ou das províncias limítrofes? Entrariam pelo porto e pelas estradas interioranas.

Era mais fácil entrar que sair pelos portos, mormente no da Capital. Exigia-se uma série de documentos. O Amanuense José da Silveira Dutra fazia público em 13 de outubro de 1854 que o Sr. Secretário da Polícia não permitiria daí por diante o embarque de escravos em dia de chegada e saída do Vapor do norte para o sul. Por quê?

Veja-se este.

Edital

O Dr. chefe de polícia interino da província manda fazer publico que nenhum escravo poderá obter passaporte para fora da mesma sem apresentar os seguintes documentos: certidão de batismo com que prova ter nascido de ventre escravo, ou na falta de um tal documento (que deve ser extraido de livro e Authenticado pelo parocho respectivo) justificação julgada por sentença, titulo de dominio, e para os que forem maiores de quatorze annos, folha corrida do lugar em que residia o escravo, com attestado do parocho, declarando que ali era sua residencia e qual o tempo della. Secretaria de policia do Ceará em 5 de julho de 1855.

O Amanuense

Francisco Esteves de Almeida

Não vem ao caso saber, mas, quem era esse chefe de polícia interino? Em 30 de março de 1885 o dr. Agostinho Júlio do Couto Belmonte substituira no cargo ao dr. Pedro de Albuquerque Autran. Em cinco de julho talvez se afastara, de viagem, de licença ou de férias...

Agora, a compra e venda de escravos, da qual participava o governo com o imposto de transmissão denominado **Sisa**, cobrado pela metade.

A **Resolução** nº 1044, de 9 de dezembro de 1862 (governo do dr. José Bento da Cunha Figueiredo Júnior) que orçava a receita e fixava a despesa da Província para o ano financeiro de 1863, assinala:

> "Paragrafo 30 — Dez mil réis por siza de escravo de um a quatro annos, vinte mil rs. pela dos cinco a oito annos, e de quarenta para cima, e quarenta mil rs. pela dos demais de oito até quarenta annos.
>
> Paragrafo 31 — Quarenta mil réis por cada escravo que sahie para fora da província, exceptuando-se os que forem em companhia de seus senhores, e os escravos de quatro annos."

Eram **Siseiros** em Fortaleza, ano de 1885, os comerciantes Guilherme Augosto de Miranda e Manoel da Rocha Júnior, conhecidos compradores e vendedores de escravos.

Um aviso de **Sisas:**

> **O abaixo assignado arrematante das sizas de escravos que se venderem na província, previne a quem competir que as pessoas que tiverem comprado escravos, hajão de mandar passar a meia siza no prazo de 30 dias, sob pena de pagarem a multa de 200$000 rs. estipulada da lei. O mesmo previne que por despacho da Thezouraria não é admicivel pagar as sizas, fora do lugar aonde forem feitas as compras.**
>
> **Ceará 21 de Julho de 1855**
>
> **Guilherme Agusto de Miranda**

Manoel da Rocha Júnior mantinha "procuradores" no interior da província para efeito do recebimento do imposto:

> **Manoel Antonio da Rocha Junior, tendo arrematado na Thezouraria provincial, o imposto da meia ciza dos escravos, que foram vendidos na província, do 1º de Janeiro ao ultimo de Dezembro de 1856, declara que recebe nesta cidade o dito imposto, e nos outros municipios, será cobrado pelos seos procuradores, novamente nomeados. Ceará 28 de Novembro de 1855.**

Vasto, pitoresco, o noticiário de escravos sob os mais variados aspectos e que ocupa inclusive as páginas de outros periódicos cearenses não consultados, como por exemplo o **Correio da Assembléia Provincial, o Jornal do Comercio** e o **Libertador, o Jornal de Fortaleza** e o **Comercial,** além de alguns que se editavam no interior da Província.

• • •

Gilberto Freyre sublinhava que os **caraterísticos físicos dos negros importados para o Brasil, é interessante seguí-los através da linguagem pitoresca do povo, nos anúncios de compra e venda de escravos** para o serviço doméstico ou agrícola. (2) De preferência, a meu ver, são os que tratam de "fuga", uma vez que se fazia mister descer a mínimos detalhes, dando pista segura a quem desejasse aprender o evadido. Ignoro notícia de apreensão. Provavelmente, aprisionado o negro cessava o interesse de publicidade.

Fugia-se na calada da noite (clara de luar ou escura de breu) e talvez esporadicamente de dia. Foram sucessos constantes quer nos sertões quer na capital.

Em 8 de janeiro de 1854, Neutel Norston d'Alencar Araripe deitava anúncio de seu sítio "Pitiguagry" alertando sobre o desaparecimento de uma escrava crioula de 40 a 50 anos. Era de cor "fula", ou seja bronzeada, a característica de certos negros originários de Guiné. Fugira no ano passado vestindo saia de chita e "cabeção" (camisa) de algodãozinho. Tinha os pés pequenos, **ambos com os dois dedos próximos aos midinhos**

levantados, de sorte que não assentão no chão; pelo que gosta de andar de chichélos para incobri-los.

Nesse mesmo dia evadiu-se à noite em Fortaleza o escravo Severino, de Manoel José de Vasconcelos. Indivíduo alto, pouco seco de corpo, de 20 anos mais ou menos, crioulo: **fala bem, bonita figura, aprendiz de marcenaria.** Levou rede, maca de coiro de carneiro, calça e camisa branca, e também de riscado velha. Severino, manhoso, prolíxo, fugira preparado...

Um Domingos Jorge de Sá, desocupado, talvez, mas travestido de "capitão-de-mato" publicou esta nota: "Rogo a V. R. ma. (Th. Pompeu de Sousa Brasil) annunciar no Cearense um escravinho criolo de nome João vendido no sul pelo Sr. Joaquim Rodrigues Campos, e que fugio, e se acha no poder do mesmo Sr. Campos na cidade da Imperatriz, da Serra do Martins, e já a 2 para 3 annos pouco mais ou menos, e o Sr. **(o dono)** só por estes meios o aproveitará, eu desde já me offereço para a captura do dito escravo."

Exemplo de como se perseguia transfuga: Luduvico, **preto não retinto,** fugido da casa de Florindo Francisco de Sousa Castro, na povoação de S. Gonçalo da Batalha, do Termo da vila de Peracuruca, Província do Piauí, de mais ou menos 25 anos, **corpo limpo de relho,** magro, rosto redondo, nariz e boca regulares, cabelo um tanto **afogueado** e boa dentadura, devotado ao tráfico de gado, tinha também um ombro fora do seu **legítimo lugar, parecendo o esquerdo,** estando sendo procurado oferecia-se recompensa a quem o entregasse: na cidade de Oeiras a Tibério César Burlamaqui; em Teresina a Manoel de Azevedo Moreira de Carvalho; na Parnaíba ao Cel. Francisco Florindo de Sousa Castro; nas Barras ao Laurêncio Gomes da Silva Rabelo; e se a apreensão fosse na Província receberia 30$000, no Ceará e Maranhão 50$000, e em Pernambuco 100$000 mil réis.

Era tolice fugir. Não conseguia êxito completo. O máximo mudaria de senhor. O mesmo que sair da lama e cair no lodo.

Desapareceu Januário, estatura baixa, "fulo", de 30 anos pouco mais ou menos. Sinais: **testa grande e cantuda,** rosto com marcas de espinhas, **com falta de dentes no queixo superior.**

Vestia-se de camisa de algodão com frauda desfiada e calça de brim branco. Era oficial de pedreiro.

João Franklin de Lima pedira a captura de Manoel, africano, **ladino**, de aproximadamente 45 anos. Fugira do engenho 'Monguba" vestido de camisa e **ceroula de riscado americano**. Sinais: um **olho torto e os dentes podres**.

Ladino, o negro que sabia falar português, inteligente, vivo.

Um crioulo de nome Felix, 25 anos, beiçudo, desdentado, **boca mole no falar** fugio acompanhado de cabrinha forra de nome Antônia. Conhecia o ofício de carpina e de sapateiro.

Da cidade de Canindé fugiu o crioulo José **preto**, alto, com uma **Belinde muito visivel em um olho**. Belinda, mancha branca na córnea. Era prosista, vestia camisa e calça de riscado americano.

Um **cabra quase preto** fugiu do seu senhor na noite de 24 para 25 de março de 1855. Chamava-se Anacleto, de cabelo **alguma cousa corredio e amaciado**, nariz afilado, rosto **alguma cousa comprido**, estatura mediana. Levou roupa, parte engomada, inclusive um surrão de couro de ovelha. (Boa viagem!)

De Sobral pedia Bento José de Moura a captura de Francisco, nação Angola, 35 para 40 anos de idade, **com falta de dentes na frente**, alto, seco, pés **apalhetados**, rosto descarnado e comprido, pouca barba.

Manoel, cabra de 40 anos, com o olho esquerdo perdido, apareceu na casa de Jorge Gomes Brasil dizendo-se forro.

Um Francisco Cabôclo (já se terá compreendido que se trata de descendente de tapúio e como tal rebelde de natureza ao trabalho servil) tinha cabelo preto e este **quando está grande o da nuca encrespa**. Olhos castanhos, nariz pequeno, ademais tinha **boca rizonha** ao falar com as pessoas. Altura mediana, **bem feito de pernas e pés**, porém nas **cadeiras junto aos cóis da siroula** tinha uns **belisções de orelha**. Beliscavam o homem na cintura. Este "gentil mancebo", como diria José de Alencar, evadira-se da casa do Pe. Manoel Cordeiro que o alugara de Alexandre José de Sousa Barros.

O cabra de nome Pantalião, seco, meio corcundo, talvez de 50 anos de idade, nariz grande, com alguns cabelos brancos na cabeça e na barba, fugiu da Granja levando maca de couro de carneiro e dentro a rede, camisa e **serola de algodão.** Vestia-se de camisa de riscado azul e tinha uma navalha de cabo branco desmantelado **com que faz a barba.**

Outro indivíduo ganhando o bredo, de nome Luís, cabra "fulo", com alguns cabelos brancos. Tinha a **cara bem marcada de bexiga** e idade de 40 anos. Quando negro "pinta" já está velho. Luís "pintou" cedo...

Um Francisco Alto, d'olhos amarelados, dizia-se forro e **samangolé.** Este qualificativo talvez provenha de **samango,** ocioso. Francisco Alto não teve pressa na fuga. Poeta e filósofo escapou tranquilamente de **caximbo no quarto.**

Com cicatriz pequena uma das faces, José, mulato de 24 anos, alto e seco ganhou o bredo; um Caetano angolês, magro, pouca barba, nariz chato e pés pequenos, com marcas de chicote nas costas escapou; também desapareceu o Fortunato, de cor retinta, 28 anos, rosto e cabeça compridos, pernas finas, com as **pontas dos pés bem abertas para os lados,** além de sinais de relho no lombo; fugiu Getrudes, crioula de 40 a 50 anos de idade, baixa, seca de corpo, sem o olho esquerdo; ganhou o mato José, 30 anos, com cicatriz no lábio posterior e marcas de chicote nas costas; fugiu Paulo, 15 anos, **mulatinho de cor clara,** sinais de **talho visível** ,e nas **ilhargas grande marca de queimadura;** Cândido, com talho em um dos dedos do pé produzido por machado desapareceu sem deixar rastro; e Severino, cabra alto, arrogante no falar, tinha um talho na face...

Um mundo de tipos exóticos, homens de pernas finas, ou de andar **cangueiro,** isto é, como de quem carrega canga ao pescoço; de cabelo **grosso enrolado,** disso e daquilo, uns altos, outros baixos, afinal de todos os feitios e cores... Uns, dóceis, tristes, em contraposição aos violentos, aos alegres.

Romão fugiu de Messejana: **cantador de desafio ao pé da viola;** o escravo de nome André, pés grandes, vista ligeira, cicatriz no rosto, jogava **cacete,** era cantador, sambava e bebia aguardente; Vicente, do sítio "Florida", **cabra ou mulato alva-**

ção de 25 a 40 anos, **horrivelmente feio por ter vasado fundo o olho direito**, tinha ainda a face direita do rosto cheio de **cicatrizes pretas e carvenosas**. Mesmo horroroso, o infeliz era perseguido, certamente com ameaça de levar grande surra depois de capturado...

Venceslao, boca grande, nariz afilado, mulato baixo e gordo, sem um dedo mínimo da mão, com cicatriz nas costas, fugiu; era indivíduo **disfarçado, traiçoeiro** e **metido a valentão;** Lázaro, 21 anos, com grandes marcas no **assento proveniente de uma surra;** Vital, **trigueiro**, cabelo crespo, **gostando de tocar viola, jogar e beber aguardente;** Raimundo, 22 anos, com a mão direita cortada por **um engenho** e um só dedo nesta; e Miguel, com os **dedos dos pés e os calcanhares trincados por calor de figado** e mais uma cicatriz de talho de faca no braço direito.

Este desfilar de homens mais ou menos defeituosos é apenas pequena parcela da realidade.

• • •

Porque fugiam os escravos? certamente por motivo de maus tratos. Mas os infelizes também "sonhavam", imaginando uma vida livre, sem obrigações impostas pelo relho e a palmatória.

Em épocas bastante recuadas, mormente no Sul do país o castigo corporal variava. Houve requintes de barbaridade. E o negro fugia...

Também ninguém tinha o direito de **acoitar** o transfuga. Homem de brio, poderoso, nunca se apossava de preto fugido. Restituia-o ao seu legítimo dono. Entretanto houve exceções. É o caso do dr. Miguel Fernandes Vieira, como se verifica duma polêmica travada nos periódicos **O Cearense** e **Pedro II**, em 1860.

Os Vieiras eram de São João do Príncipe (depois Inhamún) e de Saboeiro. Seu chefe político, Francisco Fernandes Vieira, foi Barão e Visconde do Icó, falecido em Saboeiro a 9 de julho de 1862.

A esta família, representada por Francisco, Manoel e Miguel dava-se a alcunha de "Carcará". Era assim que se

chamava, di-lo Paulino Nogueira, uma antiga fazenda de seus genitores.

Miguel Fernandes Vieira, do Partido Conservador, legítimo "carangueiro", contrário aos "chimangos" ou Liberais, fundou e dirigiu em Fortaleza o **Pedro II**, por sinal empastelado numa noite de março de 1841.

A polêmica, decorrente do desaparecimento de um escravo de nome Francisco, do Tenente Joaquim de Sousa Barros, tem seu lado cômico e serve de mostrar como alguns homens de outrora não obstante ricos podiam descer às marés do azar, comprando briga à tôa.

A comédia principiou com o seguinte anúncio:

"400$000 de gratificação

Fugio do abaixo assignado um escravo por nome Francisco e se refugiou em caza do Sr. Dr. Manoel Fernandes Vieira, no Saboeiro.

Desenganado de colher o meo escravo apezar de mandar busca-lo por muitas vezes, deliberei-me a vender por 2 contos de réis, visto ter o escravo bonita figura e ser official de ferreiro e neste sentido escrevi ao Sr. Dr. Miguel Fernandes Vieira que me respondeu no theor seguinte:

"Ilmo. Sr. Tenente Joaquim de Sousa Rego.

Saboeiro 23 de janeiro de 1857

Tenho presente o favor de V. S. de data de 19 do corrente a que respondo. O escravo de nome Francisco que pela segunda vez procurou a minha caza esteve aqui até 6 do corrente, não aparecendo no dia 8, por cuja razão deixa de ser entregue a seo portador, o Sr. Martins.

Sou de V. S. attento Venerador e criado

Miguel Fernandes Vieira"

Surprezo por este desaparecimento inexperado, recebo depois a carta seguinte:

"Ilmo. Sr. Capitão Joaquim de Souza Rego.

Rio 24 de Abril de 1857

Ha dois dias que aqui me veio fallar um soldado que sentou praça no Rio Grande do Norte, onde se engajou por seis annos pela quantia de 300$000 e que diz escravo de V. S., chama-se Francisco, é mulato de idade 24 annos, porém mudou o nome sem duvida para não ser conhecido, quer elle deixar a praça com tanto que o compre, pois não quer servir mais a V. S.. Assim se está disposto a vende-lo uma vez que seja barato, visto que tenho de fazer despesas crescidas para regista-lo, não terei duvida em compra-lo, mandando logo resposta desta para meo governo.

Sou de V. S. patricio e venerador

Miguel Fernandes Vieira"

A carta do Sr. Dr. Miguel foi para mim incomprehensivel, não pude até dar-lhe uma tradução favoravel aos olhos dos nobres cavalheiros. Resolvi-me a annunciar a fuga do meu escravo, cujos signaes são os seguintes: Francisco filho de Jozé por alcunha Petingão, e de Albina, casado com Maria Thereza tem de idade hoje 26 annos pouco mais ou menos, é mulato, bastante alto e bem conformado, de cabelo preto e crespo imitando a carapinha, olhos pretos, um tanto pequenos e fundos, carão largo, nariz afilado de ventas arregaçadas, dentes grandes, tendo quebrado um dos incisivos superiores; neste dente falta um pedaço arancado pelo puxão que lhe deo um cavallo, cujo cabresto segurava aos dentes; a mandibula ou queixada é larga, tem os pés meios grandes, e quando fugiu a 21 de agosto de 1856 ainda não tinha tido bexigas.

Quem o aprehender receberá a gratificação acima logo que me chegar a certeza.

Arraial, 18 de Março de 1860

Joaquim de Souza Rego
(Inhamum Ceará).

Este anúncio forçou Miguel Fernandes a defender-se em longa carta inserta no **Pedro II**, logo reproduzida n'**O Cearense** a pedido de Souza Rego, mas antecipada dos seguintes comentários:

"O Dr. Miguel Fernandes Vieira retratando-se.

Si o dito tão repetido de Buffon alguma vez exprimio uma verdade, de que o "estylo é o homem", foi no comunicado ou cousa que o valha, que o Dr. Miguel Fernandes estampou no seu "Pedro II" em resposta ao senhor Joaquim de Souza Rego.

Ponho de parte a questão de escravo de que trata o chefe Carcará, e do seo "cavaleirismo", e "cavalheiroso"; o que eu somente admirei e comigo certamente todos que o leram, é a redacção, e estylo dessa peça!

Será difícil saber-se em que língua, e grammatica escreveo o nosso "rei", se foi na de Cassange, ou de botocudos: porque ninguem dirá que aquelle embroglio é portuguez.

Eu não analyso, porque seria fazer desmerecer a produção: peço-lhe que a reproduza no seo "Cearense", e diga se o chefe da botica (3) não teria feito melhor socorrer-se a um seo "assessor", ou amigo para estas cousas, como nos negocios de sua judicatura? (4)

Transcreva tal qual meu caro senhor, o comunicado do chefe carcará, para o paiz conhecer o homem que diz ter um titulo de letras, e sciencias, por uma das academias do Imperio, o deputado perpetuo do Ceará, que a 12 ou 15 annos sentou-se entre gente no parlamento, (5) o chefe de partido q. desde 1848 dirije governantes, e governados, nesta província, em fim o nosso futuro senador!" (6)

Segue-se a carta do dr. Fernandes Vieira:

Ece homo

O meo procedimento todo cavalleiro para com o Sr. Joaquim de Souza Rego, dando parte da fuga de seo escravo, que este tinha sentado praça no Rio Grande do Norte, e que se achava na corte em um corpo, como me referio, e eu immediatamente participei a S. S., foi julgado incomprehensivel e até deo a elle uma traducção, que não me era favoravel! Isto é só proprio de um villão, e villão ... Morava eu na rua de D. Manoel na corte em Abril de 57 em companhia do desembargador André Bastos d'Oliveira, (7) doutores Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe (8) e Francisco Domingues da Silva (9) que forão testemunha do facto, que, na melhor boa fé, e julgando faser um bem, dei parte ao Sr. Joaquim de Souza Rego.

Agora com o annuncio que S. S. tem mandado publicar no "Cearense", é que reconheço, que tinha razão um daquelles meos collegas, quando me fez sentir que nada communicasse ao Sr. Souza Rego. pois não me agradeceria, e que até nem responderia! O homem foi propheta; pois nem o Sr. Souza Rego respondeo a minha carta, encarregando no seguinte anno ao meo collega Dr. Victorino de Brito Toscano de procurar o escravo, como se sabe com o seo celebre annuncio!

Quando se me aconselhava, para que não me importasse com negocios do Sr. Rego, ponderei, que praticava uma coisa, que desejaria fizessem commigo; que o bem devia ser sempre feito, embora não fosse correspondido! e posto que não tivesse relações com o Sr. Souza Rego, e soubesse da má vontade que alguns membros da familia delle mostrarão a minha, sem razão, e fundamento, insufla-

dos por outros que especulão com isso, não era motivo sufficiente; para que deixasse de denunciar o facto referido; para que o homem não perdesse o seo escravo; porque, repito, estimaria que igual comportamento tivessem para commigo.

Mas enganei-me, e o meo collega dissuadiu-me, dizendo que não fosse eu tolo, que o meo acto todo generoso seria mal retribuido; pois que ja devia conhecer a gente com que lidava.

Eis o que realmente se passou a fé de cavalleiro, que presa a sua honra e reputação, nunca mesclada em vida ja longa, e embora grosseira e indignamente mal correspondido, e interpretado pelo Sr. Souza Rego, declaro, que ainda não me arrependo do bem que julguei fazer-lhe; dê a elle a traducção que quizer, que não me alcança e fere, mercê de Deus.

Fortaleza 5 de Abril de 1860

Miguel Fernandes Vieira

Aí está em que deu a fuga de um mísero escravo, do qual afinal não sabemos com certeza se assentara praça no Rio Grande do Norte, ou pelo contrário, nunca arredara pé do Saboeiro...

• • •

Não tenho conhecimento de quando chegaram os primeiros escravos do Ceará. Muitos, porém, talvez provieram da Capitania Geral de Angola, desde a foz do Lifune à do rio Coanza, com volteios pelos reinos de Benguela, Cabinda e Luanda, entrando pelo porto de S. Luís e do Recife, ou trazidos da Bahia.

Manoel Querino referiu cerca de trinta e nove tribos (Bahia) sendo principais as de Angola, Gê-Chá, Congo e Nagô, esta mais útil pela qualidade e inteligência, da valentia e disposição para o trabalho na lavoura açucareira.(10)

Negro de toda parte. Da Mina de Guiné. Do Sudão. Todos disputados a peso de búzio, moeda corrente n'África. Em 1838 a terra africana portuguesa (43.000 léguas, superando em tamanho a otómona, a inglêsa e a francesa) despachava escravos para o Brasil. Para isso os búzios, denominados **cauris**, coletados nas ilhas Maldivas valiam ouro. Basta dizer que 250 conchas eram avaliadas em dois tostões. Ao tempo da Colônia os búzios do Rio Grande do Norte (praia do Pirangi) e os da Bahia concorram nesse comércio ultramarino.(11)

Notícias antigas a propósito de negros no Ceará temo-las ligadas à **Companhia das Minas de S. José dos Carirys**, organizada em Pernambuco, no ano de 1756, no governo do Tenente-General Luís José Corrêa de Sá. O corpo expedicionário destinado a explorar as minas de ouro existentes em Missão Velha e Lavras contratara setenta e três negros, pagos para o serviço a 100 rs. por cabeça, **q. he o menos q'costumão ganhar**, porém se lhes abateram o sustento a 40 rs., percebendo cada um, líquido, 60 réis.

O Barão de Studart publicou em 1892 a **Lembrança das Entradas, que se fizerão para a Companhia das Minas de S. Jozé dos Carirys.**(12)

Trata-se, apenas, de um ponto de referência, porquanto escravos na Capitania eram conhecidos já nos primórdios do povoamento iniciado por Martim Soares Moreno.

O que importava no tempo da escravidão era o conceito generalizado de que **negro é negro**, no máximo um **fôlego vivo**, portanto ao nível da energia da besta movimentando a engrenagem cilíndrica da fábrica-de-açúcar.

Isto não espanta porque para Gratiolet, da **Sociedade Antropológica de Paris**, no século passado, o crânio de um negro é apenas a prisão do cérebro, sem mais outra vantagem. Segundo suas palavras: **Não é mais um templo divino... mas uma espécie de elmo para resistir a golpes pesados**, etc.(13)

Nas Américas do norte, central e do sul a filosofia sempre foi esta.

Em termos de **Ceará** (volto ao fio da meada) lembro, aqui, um fato interessante. Trata-se de uma rifa do vendedor Gui-

lherme Augusto de Almeida, publicada na imprensa fortalezense:

> **Quem tiverem** (sic) **os bilhetes com os números, da rifa anexa a loteria do Rio de Janeiro, que se estrahiu no dia 27 de julho do corrente anno haja de apresental-os ao abaixo assignado para receberem o que por sorte lhe sahio.**
>
> **Casa** . . . . . **N.º 4.438**
> **Sítio** . . . . . **" 5.260**
> **Escrava** . . . . . **" 3.621**
> **Cavallo** . . . . . **" 1.306**

Lembro também a **Loja Villar & Pinheiro**, na rua da Palma, vendendo **Pele do Diabo**, tecido próprio para **roupa de mato, para escravos**, embora pudesse fazer dela uso qualquer outro homem do campo, a **180 rs. por covado.** De qualquer maneira um luxo. Negro vestia-se era de "algodãozinho" ordinário.

Em suma, pensando bem a **escravatura** no Ceará historicamente continua em estágio nebuloso, sem grandes característicos de ordem antropológica e etnográfica, matéria cultural tão expressiva em Pernambuco em virtude da lavoura canavieira na **zona da mata.**

O assunto, conseguintemente, prende-se quase que apenas aos anúncios de compra e venda de "peças", de fugas e, muito raro, de castigos corporais.

Quanto à população de escravos os mapas estatísticos conhecidos, organizados pela secretaria de polícia e publicados na imprensa da capital não mereceram um estudo específico. Este só poderá realizar-se mediante apoio e facilidade administrativas oficiais.

Com referência a **castigos** falta o documentário, prevalecendo a tradição oral nem sempre verídica nos pormenores. Todos os nossos Estados têm suas lendas. Contou-me Oswaldo de Araújo, saudoso Secretário de Administração do Instituto do Ceará, que no Piauí uma latifundiária perversa punia a seus negros rebeldes mandando sepultá-los vivos em grandes formigueiros de sua fazenda. Eu mesmo tive a oportunidade

de observar numa fazenda sergipana, no município de Laranjeiras, ou de S. Cristóvão (faz muitos anos e a memória não me ajuda) sob a escada de alvenaria que levava ao primeiro piso da Casa-Grande um quartinho escuro chamado **Cafua**. No lastro de cimento havia correntes enferrujadas com as respectivas argolas. Negro, ali, passou fome, sede e calor para amansar...

O pior castigo sofria-o o escravo transfuga. No sul, Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas ele tinha de carregar chocalho ao pescoço, ou argolas com ganchos, para obstaculizar a fuga no mato. Porém, mais cruel era o ferro em brasa marcando na face do infeliz um **F** (fujão). Fragelamentos em fazendas e praças públicas (Pelourinho) reproduziu-os J. B. Debret em suas telas.

No Ceará, principalmente no interior, houve senhores desse naipe, muitos dos quais a crônica não registrou.

D. José Tupinambá da Frota transcreveu João Brígido nesse tema. Disse o jornalista que o escravo do Ceará não conheceu o **êito** e a **senzala** dos latifúndios sulistas. Entretanto, a meu ver, isso não empana a realidade do castigo corporal. O próprio D. José Tupinambá da Frota fez referência a alguns corações endurecidos pela maldade, senhores que mandavam fragelar seus escravos e depois "retalhar-lhes as nádegas e sobre as feridas punham sal aumentando indizivelmente as torturas, que padeciam aqueles indefesos cativos. Muitos enforcavam-se para abreviar os sofrimentos, e ainda há em Sobra quem possa repetir os nomes de dois senhores, verdadeiros verdugos, que, assistindo aos açoites, tomavam o pulso do infeliz escravo e desapiedadamente diziam: Aguenta ainda tantas relhadas!"(14)

O uso de sal em feridas provocadas pelo "relho cru" foi geral nas Províncias. Aumentava a dor, mas também cicatrizava...

• • •

Obviamente, nem todos os escravos de Fortaleza, pretos, pardos, brancos e crioulos se afeiçoavam aos padrões. Principalmente o "cabra", às vezes, perigoso e soez, que poderia levar

qualquer Senhor ao paroxísmo da cólera. Em casos assim, o remédio consistia em socorrer-se à **Casa Correcional** ou Cadeia como hoje se diz. Fundamentada na Lei, aplicava a pena do açoite, porém a "dosagem", mínima de 50 chibatadas, dependia da vontade do mandante. Do alto dos corturnos o Senhor absoluto da "peça" podia avolumar o número de pancadas.

Contudo, nem todos os castigos aconteciam injustamente, em que pese o instinto de vingança verificado em determinadas circunstâncias: surra cruenta por causa de uma falta sem maiores consequências. Afinal, houve senhores de má e de boa índoles.

No Ceará-Mirim (Rio Grande do Norte) ainda se recorda o **Zumba do Timbó**, apelido do Capitão José Ribeiro Dantas, proprietário de engenhos-de-açúcar. Se qualquer escravo de outrem desviava-se do dever, vinha logo a ameaça terrível de ser vendido ao **Zumba do Timbó.** Quando estive lá, colhendo subsídios históricos, ouvi dizer que o **Zumba** costumava pregar a orelha do escravo numa porta, depois sentava-se na cadeira e chamava-o: "Venha cá, negro!" O pobre diabo receiando cantigo pior atendia-o num repuxão de cabeça, rasgando a orelha. Ninguém sabe até que ponto a verdade se confunde com a lenda, mas me disseram que a mulher do **Zumba** não ficava atrás nesse mister: às negras desobedientes, mandava passar pimenta no anus.

O inverso foi o dono do engenho **Jaçanã**, Dr. Jerônimo Cabral Raposo da Câmara (Dr. Loló). O historiador Luís da Câmara Cascudo retratou-o:

"Sua escravaria revirava as feiras, agredindo, insultando, depredando, furtando, sem que o amo desse a menor palavra de admoestação. Repetidas as queixas, o Doutor Loló deliberava, indignado, castigar severamente o negro apontado como causador das tropelias. Ia com o feitor e o escravo para um lugar deserto. Mandava amarrar o negro a um tronco de coqueiro, debaixo de vociferações e ameaças terríveis: "Você vai ver, negro desgraçado, o que é castigo! Está pensando que perdôo, negro miserável? Você nunca mais esquecerá essa lição, moleque!" O escravo aterrado fechava os olhos, esperando a

chuva de chibatadas. Preso o condenado, o Doutor Loló entregava o "bacalhau" de couro cru ao feitor e ordenava: "Dê cinquenta lambadas nesse danado!" O feitor erguia o chicote e dava as cinquentas vergalhadas... noutro tronco, bem distante do negro. E, enquanto durava o inocente cantigo, o Doutor Loló ia berrando: "Pense aí, moleque infeliz, se essas chibatadas fossem nas suas costelas! Pense como ficava seu lombo, cachorro preto! Dê com mais força, Feitor!" (15)

Provavelmente, certas violências se reproduziram mais constantemente nos sertões brabos, sem lei, e em épocas mais recuadas. Sem o testemunho de pessoas ditas "civilizadas" como sói acontecia nas cidades e, de modo especial nas capitais, onde predominava a "palmatória", em casos domésticos. O Pelourinho era outra cousa, adstrito a penalidades oficiais.

Em Fortaleza, como ficou dito anteriormente, podia-se recorrer à **Casa de Correção.** Tenho em meu poder, recebido do distinto médico e historiador Vinicius Antonius Barros Leal um fragmento de carta escrita por Joaquim da Silva Santiago ao Pe. José Martiniano de Alencar, como demonstrativo de como se castigava naquela repartição do governo, e exemplo do que podia fazer a cólera de um Senhor de punhos-de-rendas:

Exmo. Amigo e Sr. Alencar

Ciará 21 de Maio de 1844

Como a sorte continua à perseguir-me, além das minhas continuadas moléstias, e das de sua comadre, por via de um malvado escravo (o Gonçalo) que apanhando-me sem ter mais em casa por quem o mandasse cossar todas as vezes que merecia, que era todos os instantes, danou-se a embebedar-se de maneira, que em saindo a rua vinha bêbado que nada mais fazia a todo aquele dia. Além desta boa prenda a que se pegou passou mais ao atrevimento de arranjar 2 chaves e com elas abria todas as noites uma porta e um portão, e punha-se na rua em convivencia, ou metia dentro a quem bem parecia, ficando a minha casa todas as noites aberta pelos

fundos, e eu bem descançado julgando-me todo feixado e muito seguro; de tudo isto vim ao conhecimento no dia 21 deste, e por causa da continuada bebedeira em que vivia; como na noite desta madrugada bebesse, e ao toque d'alvorada o butassem para buscar água de beber, como é de costume esqueceu-se de guardar as chaves antes de sair que as tinha posto em cima da banca em que trabalhava; felizmente eu me levantei também cedo naquele dia, e dirigi-me a passeiar ao quintal, e indo até ao fim entrei no último quarto, que era o da tenda, e nele contrei as tais chaves, que as mandei guardar, e mais um vidro em que conduz a todos os dias aguardente para beber enquanto não saia para os seus divertimentos; chegado que foi com o balde de água, e vendo um moleque a lavar o tal vidro, conheceu que eu tinha andado na tenda, apressa-se a ver as chaves, e como não as encontrasse mais deitou a correr para safar-se pela porta da rua, na qual, por acaso estava minha filha, a quem gritei que fechasse a porta, o que ela não teve tempo para o fazer, porém opôs-se heroicamente a saída e vendo o negro que ela o impedia de sair, atreveu a puxá-la pelo braço para arredá-la da porta por força; a esta ação ela gritou para rua a um colono que estava administrando o concerto de uma casa imediata a nossa, o qual prontamente apresentou-se a porta com 2 negros de sua administração, e eu ao mesmo tempo. Reflita que tudo isto foi obra de 1 minuto. Mandei entrar o colono e amarrar o negro, que o tinha agarrado pelo braço, e depois de amarrado mandei-o levar para a casa de correção, ou casa de corrução ordenando ao Diretor, bôa jóia, que imediatamente lhe mandasse dar 50 açoites, o que foi mal executado, por que e devendo-o mandar surar no rabo, mandou-lhe dar umas leves chicotadas pelas costas, porém eu imediatamente requeri ao chefe de Polícia para o surrar 9 dias com

os açoites da lei (50 por dia) deu o despacho "como requer". Apresentei o despacho ao Diretor para por em execução; passados 2 dias soube que mal se davam umas chicotadas no negro, e vendo eu que me estavam iludindo fui a Correção e falei, ordenando ao Diretor que eu mandaria um Cirurgião todos os dias para examinar o estado do negro, não só se era surrado, como mesmo para ver quando devia parar com os açoites; com esta precaução fui mais bem sucedido, por que daí em diante chupou 50 da Lei por uns dias, e devendo continuar lembrei-me, que não devia mais servir-me com tal demônio, a menos deixá-lo mais entrar em casa afim de me livrar de algum caso mais funesto.

Curiosa a data da carta do Sr. Santiago, 31 de maio de 1844. Invertendo-se o 31, temos 13 de maio, e acrescentando 44 ao ano temos 1888, da Lei Áurea, assinada por Dona **Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Rafaela Gabriela Gonzaga de Bragança**, a Redentora...

Infeliz do escravo sobre cujos costados caía a justiça rancorosa do Senhor!

Parece justificável dizer que do cativeiro restaram muitas expressões de ódio, tais como: "vai apanhar até mijar-se", "vou te arancar o pelo", "quebrarei teus dentes", "cortarei tuas orelhas", "quebro-lhe os queixos", ou "vai apanhar até rinchar"...

Conta-se que, lá pelas bandas do Acaraú, um Coronel rompia estrada montado a cavalo e de chapéu-de-sol aberto. De repente, topou com um negro forro que vinha na sua montaria, também de chapéu-de-sol. O Coronel chamou-o e tomando-lhe o "aparelho" fê-lo em pedaços: "**Negro! Se você usa chapéu-de-sol, o que é que eu vou usar?** Mesmo forro, não passava de **negro**. Como naqueles versos publicados por Yaco Fernandes:

Xiquexique é pau de espinho,
Umburana é pau de abêia:
Gravata de boi é canga,
Palitó de negro é peia. (16)

Fortaleza não foi o primeiro município a emancipar o "fôlego vivo", mas lhe cabe a palma de fundadora de sociedades destinadas a esse fim: a **Cearense Libertadora**, de 8 de dezembro de 1880, ocasião em que se aforriaram três escravos, e o **Centro Abolicionista 25 de Março**, de 19 de dezembro, em decorrência de que consquistaram a liberdade mais três indivíduos, porém sua instalação só efetuou-se em 1.º de janeiro de 1883, sendo libertados mais cincoenta e quatro negros, justamente quando Acarape de pronto acabava com o trabalho servil.

Seguiram-se na esteira de Acarape: Vila de S. Francisco, 2 de fevereiro; Icó e Baturité; 25 de março. S. João do Príncipe, 25 de abril; Maranguape e Messejana, 20 de maio; Aquirás, 23 de maio; Fortaleza, 24 de maio; Soure, 3 de junho; Pedra Branca, 8 de julho; Pereiro, 27 de setembro; Canindé, 4 de outubro; S. Pedro de Ibiapaba, 11 de outubro; Várzea Alegre, 22 de outubro; Pentecostes, 8 de dezembro; Trairí, Brejo Santo e Jaguaribe-Mirim, 31 de dezembro.

No ano de 1884: Santa Quitéria, Redenção, Aracati e União, 2 de janeiro; Lavras e Cachoeira, 8 de janeiro; Missão Velha, 20 de março; Milagres, Arneiróz e Jardim, em 23 de março. (17)

Do evento fortalezense resultou o Presidente da Província baixar a Lei nº 2066 de 15 de dezembro de 1883, autorizando verba de **cinco contos de réis** para financiar a despesa com um quadro a óleo comemorativo do 24 de maio. Coube a José Irineu de Sousa pintá-lo, e foi colocado no Paço Municipal em 14 de fevereiro de 1884.

Notas:

(1) Divulgado em **xerox**, em 1980, e não 1981 como consta à p. 76 da revista do Instituto do Ceará, tomo XCIV, vol. 100, impressa em 1981. O primeiro escritor a tratar desse assunto no Nordeste foi Gilberto Freyre, **O Escravo nos Anúncios de Jornais do Tempo do Império.** Conferência proferida no 1.º Con-

gresso Afro-Brasileiro, realizado na **Sociedade Felippe d'Oliveira**, Rio de Janeiro, 1934.

(2) Gilberto Freyre, **Casa Grande & Senzala**, t. 2.º, p. 437. Rio, 1964, 11 A edição brasileira.

(3) Trata-se de Antônio Rodrigues Ferreira, político Liberal, por alcunha "O Boticário". Consoante Paulino Nogueira, **Vida de Antônio Rodrigues Ferreira**, Nota 9 **infra**, p. 18, "espírito pequeninos, mordidos pela inveja ou raiva, às vezes usavam dessa alcunha por escórnio." Em 17 de agosto de 1973, comemorativo do Sesquicentenário da elevação da vila da Fortaleza à categoria de Cidade, a Prefeitura inaugurou na Praça do Ferreira um medalhão de bronze, no qual se estampa o retrato de Antônio Rodrigues.

(4) Referência às poucas luzes do dr. Miguel Fernandes.

(5) Miguel Fernandes Vieira: nomeado Secretário do Presidente Manoel Felizardo de Sousa (Portaria de 10.2.1838), posse no mesmo dia; nomeado Juiz de Direito de Sobral, foi substituido na Secretaria supra pelo irmão Manoel (Portaria de 3.3.1840) no governo de Francisco de Sousa Martins; deputado geral: 1842, 43, 44 e 1855.

(6) Escolhido a 9, por morte do Des. Antônio José Machado, assumiu Miguel Fernandes a senatoria no 31 de maio de 1862, e faleceu em 6 de agosto, no posto. Substituiu-o (ironia do destino) seu adversário de partido e de imprensa, o Pe. Thomaz Pompeu de Souza Brasil, escolhido em 9 de janeiro de 1867. O Senador Pompeu faleceria em Fortaleza, no dia 2 de setembro de 1877.

(7) Deputado. Sobrinho e genro de Francisco Fernandes Vieira. Secretário no governo do Senador José Martiniano de Alencar, **Ato** de 30.10.1834.

(8) Desembargador. Ministro e Secretário do estado dos negócios da guerra.

(9) Deputado geral.

(10) Manoel Querino, **A Raça Africana e os Seus Costumes na Bahia**, 1917. Sobre o assunto consulte-se Gilberto Freyre, **Casa-Grande & Senzala**, inclusive **Nordeste**, a propósito do negro na lavoura açucareira.

(11) Lêia-se Luís da Câmara Cascudo, **Made in África** (Pesquisas e Notas), Rio, 1965, quanto ao capítulo **Piranji exporta jimbo**, p. 153. Consulte-se Frei Vicente do Salvador, **História do Brasil**, edições **Melhoramento** de S. Paulo, 1965.

(12) Barão de Studart, **Notas para a História do Ceará**, Lisboa, 1892.

(13) Citado por Lewis Hanke, da Universidade de Texas, que refere a obra de T. Wingate Todd. (**Antropologistis Study of Negro Life**, 1931.

(14) D. José Tupinambá da Frota, **História de Sobral**. Fortaleza, 1974.

(15) Luís da Câmara Cascudo, **O Livro das Velhas Figuras**, Natal, 1974.

(16) Yaco Fernandes, **Notícia do Povo Cearense**. Fortaleza, 1977.

(17) Até hoje ninguém deu-se ao trabalho de coletar e publicar em livro as **Atas** de abolição. Será que ainda existem? A da Vila de S. Francisco, hoje Itapajé, está guardada em caixeta de cedro colocada dentro da parede da Matriz. Faz pouco tempo me solicitava o Prof. F. Rodrigues Alves, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cópia da **Ata** de Pereiro. De que maneira encontrá-la? Possivelmente, muitos destes documentos históricos perderam-se na poeira dos arquivos...